



AS BENZEDEIRAS E OS SABERES TRADICIONAIS DO QUILOMBO DE MUMBUCA

Isabela de Jesus Gomes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: isabellegomes295@gmail.com

Marisa Oliveira Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: momarisa@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

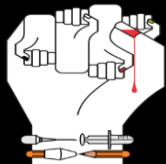
661

INTRODUÇÃO

A negligência histórica que acomete as populações pretas, marginaliza mulheres e homens em nosso país. A construção da nossa história de séculos de escravismo e mesmo após a abolição, nunca narrou de forma clara as consequências danosas do sistema escravista, e nem as contínuas formas de lutas e resistências dos povos de matriz africana no combate aos problemas estruturais e institucionais, que subalterniza os negros dentro da hierarquia social.

O quilombo é um desses locais de disputas dentro dos movimentos sociais em que a luta por território, as afirmações identitárias, a conservação dos patrimônios materiais e imateriais são as suas principais pautas (SANTOS, 2012; CALHEIROS e STADTLER, 2010), compondo, assim, uma categoria importante dentro da resistência do movimento negro.

A luta por conservação do patrimônio é um elemento basilar para a discussão acerca dos saberes não-sistematizados (saberes populares) transmitidos oralmente. As mulheres benzedoras do quilombo de Mumbuca, em Bom Jesus da Serra (BA), exercem o ofício de benzer fundamentado na oralidade e na transferência geracional do saber. Elas são agentes de conhecimentos e saberes que delineiam o modo de vida no quilombo. A benzedura não é uma atividade que ficou no passado, ela é atual, sendo renovada, modificada e reconstruída a cada tempo, tornando-se uma realidade dinâmica. [...] Esse tipo de transmissão é fortemente regido pela tradição oral (SOUZA, 2001, p. 100-101).



As benzedeadas contribuem para a preservação da memória da comunidade por intermédio da religiosidade e promovem a manutenção da cultura local, permitindo que o conhecimento tradicional seja transmitido geracionalmente, auxiliando na preservação e continuidade da identidade quilombola da comunidade. A experiência que elas adquirirem no exercício do seu afazer, guarda/preserva o conhecimento tradicional e contribui para a reafirmação do povo do quilombo.

[...] nas comunidades tradicionais, é a partir do trabalho, que homens e mulheres produzem suas vidas e desenvolvem relações sociais. Quer dizer que é exatamente nesse ato de produzir a vida que os povos tradicionais se educam e produzem saberes que permearão a sua existência, em um processo que não se esgota, uma vez que o **saber** só existe em decorrência do **fazer**. (SOUZA, 2020, p.22).

662

Mediante este estudo, buscamos analisar o papel desempenhado pelas mulheres benzedeadas de Mumbuca/BA por meio da benzeção, vinculada aos processos de produção e reprodução da vida social na comunidade quilombola. Além disso, empenhados na compreensão desse estudo, buscamos conhecer as mulheres benzedeadas da comunidade de Mumbuca por meio do perfil histórico, econômico, social e nos seus afazeres cotidianos, reconhecendo-as como guardiãs da crença do ato religioso trazido na benzeção na comunidade, que contribui para a identidade cultural inserida na produção da vida social, conforme apontado e por nós compreendido na explicação de Souza:

Compreendemos que homens e mulheres, os quais vivem da sua força de trabalho, produzem saberes em sua experiência de trabalho, em sua prática diária, nas relações com seus pares, no trabalho, na igreja, na associação, enfim ao longo da sua trajetória de vida. [...] não provêm necessariamente da instituição escolar, logo não se resumem a conhecimentos prévios, ou se encontram sistematizados em manuais, mas são produzidos na sua práxis cotidiana. (SOUZA, 2020, p. 21-22).

Este tema surgiu mediante as vivências da pesquisadora Isabela Gomes enquanto membro ativo da comunidade quilombola supracitada. Contudo, para além das motivações pessoais, há a necessidade de evidenciar o protagonismo de sujeitos apagados da história, como os povos negros, ex-escravizados e mulheres. Nesta pesquisa, evidenciamos as trajetórias das benzedeadas, mulheres de destacada importância na comunidade, reconhecidas como remanescentes quilombola. Sendo assim, sentimos a necessidade de identificar os saberes tradicionais para compreendê-



los e como se produzem e se relacionam no contexto da comunidade, destacando as vivências cotidianas das mulheres benzedeadas e do seu afazer.

METODOLOGIA

Nosso estudo é desenvolvido no quilombo de Mumbuca e amparado na história oral (MONTENEGRO, 2007) por meio de entrevistas com três mulheres benzedeadas da comunidade. Elas serão o objeto e a fonte a ser pesquisada neste trabalho por meio de suas memórias. A pesquisa bibliográfica sobre saberes populares, costumes e tradições dão sustentação teórica aos elementos levantados no campo empírico; a viabilidade da execução desta proposta de estudo consiste no fato de uma das pesquisadoras ser moradora da comunidade e ter acesso às fontes primárias.

A abordagem mais particular do seio da comunidade e da vida das benzedeadas ocorre por meio das entrevistas, como orienta o estudo de Tourtier-Bonozzi (2006), seguindo os critérios como: a) seleção de testemunha; b) o lugar da entrevista e c) roteiro de entrevista com interrogativas construídas previamente e mediadas para que as interlocutoras se expressem confortavelmente. Foi por meio dessas entrevistas e conversas informais que coletamos os dados empíricos. Além disso, o diálogo com o referencial teórico, mediante o desenvolvimento de uma pesquisa com abordagem qualitativa, pretende desinvisibilizar sujeitos negligenciados historicamente e elucidar os saberes tradicionais da comunidade quilombola, em detrimento “das narrativas e pelos meios que estas formas narrativas empregam para influenciar e firmar a memória.” (CRUIKSHONK, 2006, p. 156)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando damos vozes ao “cotidiano” (SOUZA, 2020, p. 22), construímos a pesquisa empírica e enalteçemos as “experiências” (THOMPSON, 1998); desse modo, entendemos os costumes de organização diária para produção da vida na comunidade, os fazeres tradicionais e os saberes adquiridos no decorrer desse processo. Nesse sentido, as benzedeadas por meio dos fazeres, vão se constituindo por meio dos saberes acumulados em sua experiência. Dermeval Saviani (2007), explica a construção ontológica da educação entrelaçada com a produção da existência humana por intermédio do trabalho. Assim, podemos perceber que as relações de trabalho das benzedeadas é um afazer que consolida os saberes da benzeção no cotidiano do quilombo.



No campo da história oral, vamos entender as relações de temporalidades e perpetuação de saberes em função da “tradição oral” (MONTENEGRO, 2007; SOUZA, 2001, p. 101). Corroborando, a autora Julie Cruikshonk (2006), defende que as tradições orais contribuem de modo significativo para documentar diversificadas abordagens históricas e a “História oral é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular.” (CRUIKSHONK, 2006, p.149).

Para tanto, selecionamos entrevistas com três mulheres benzedadeiras como fontes de imersão na vida da comunidade. É um saber que enfrenta risco de se perder, em detrimento da dificuldade da transmissão para os mais jovens. Como fontes vivas de conhecimentos e práticas que delimitam relações dentro do quilombo, essas mulheres, por meio de suas histórias de vida, nos mostram por meio das entrevistas como “As tradições orais não podem ser guardadas com a ideia de determinar seus significados retrospectivamente; seus significados emergem do modo pelo qual são usados na prática.” (CRUIKSHONK, 2006, p. 157), onde também produz uma “nova valorização da memória e das próprias histórias vividas”. (FERREIRA, 2012, p. 651).

A importância social do desenvolvimento deste estudo, justifica-se em explicar alicerçada nas memórias das benzedadeiras como acontecem os “mecanismos de transmissão entre gerações” (THOMPSON, 1998, p.17), evidenciando essas mulheres como guardiãs de saberes por intermédio da benzeção e da luta em conservar os seus modos de vida. Esclarecendo assim, o lugar social atribuído a elas como responsáveis diretas por uma “memória étnica” (LE GOFF, 1996), que determina a fixação e a afirmação da identidade do local em detrimento de seu importante ofício.

CONCLUSÃO

O estudo das particularidades da vida das benzedadeiras, permite-nos adentrar em questões particulares e coletivas ao entendermos a sua importância dentro da construção social do quilombo. Notamos como essas mulheres são sujeitos de destaque para a população da comunidade, pois a partir de suas histórias conseguimos delimitar o perfil sócio-econômico do povo da comunidade. Como destaca Souza (2001), esse ofício tende a ser exercido por mulheres idosas, não escolarizadas, na condição de pobreza e que possuem conhecimento vasto sobre as propriedades curativas das plantas.



Os modos de vida estão estruturados dentro de relações de trocas que envolvem a solidariedade. Com base nisso, o atendimento pode ser gratuito ou mesmo trocado por elementos que serão usados durante o ato de benzimento como velas, por exemplo. Não podemos deixar de apontar também que como mulheres quilombolas, negras e idosas poderiam construir-se uma abordagem dentro da interseccionalidade, priorizando as relações de gênero e sociais.

Entendemos, então, que esses saberes contribuem para a consolidação da cura, mediante a benzedura e, nesse contexto, os afazeres das mulheres benzedoras tornam-se guardiãs da memorização dos ensalmos e jaculatórias para o benzimento. Nesse processo ocorre a perpetuação dos conhecimentos orais, que determinam parte significativa da cultura do quilombo.

Dessa forma, a religiosidade é um aspecto importante dentro da constituição da identidade do quilombo, na manutenção da cultura da comunidade, sobretudo por ser um determinante da cultura imaterial do quilombo. O estudo sobre a vida das mulheres benzedoras é uma abordagem viva de cultura, religiosidade e resistência no quilombo de Mumbuca em Bom Jesus da Serra na Bahia.

PALAVRAS-CHAVES: Benzedora. Quilombo. Saberes Tradicionais.

REFERÊNCIAS

BONZZI, Chontol de Tourtier. O desenvolvimento da entrevista. **História Oral**. 8º Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, p. 233-448, 2006.

CALHEIROS, Felipe Peres. STADTLER, Hulda Helena Coraiara. **Identidade Étnica e Poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras**. Rev. Katál. Forianópolis v. 13. p. 133-339 jan./jun. 2010.

CRUIKSHONK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. **História Oral**. 8º Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, p. 149-166, 2006.

FERREIRA, Simone Raquel B. Quilombolas. **Dicionário de Educação do Campo**. Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio Expressão Popular, p. 645-650, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.
MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Editora, Contexto, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.** vol.12 no.34 Rio de Janeiro Jan./Abr, 2007.

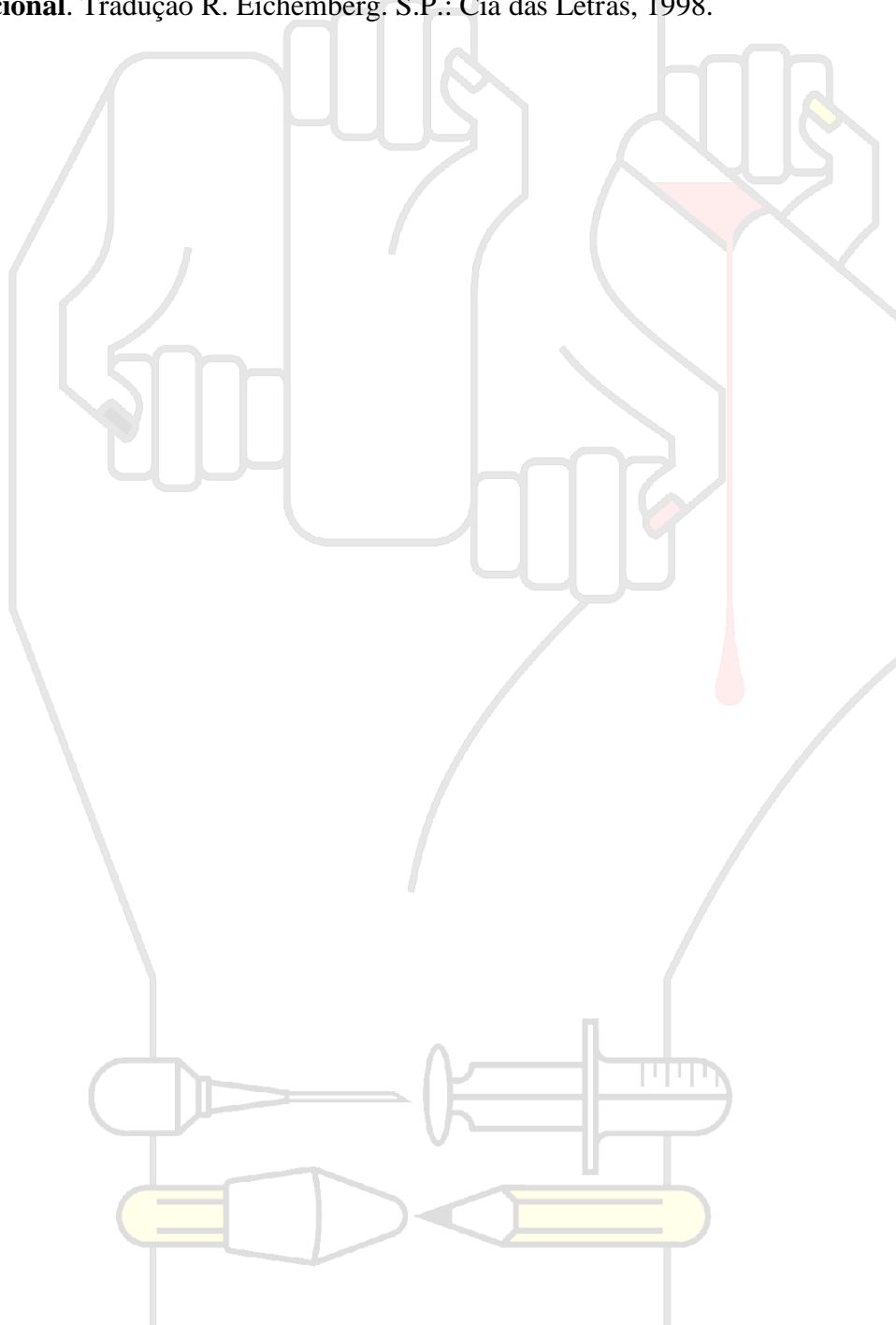


SOUZA, Grayce Marye Bonfim. **A Benzedura: da descoberta a legitimação do dom.** Revista Memória Conquistense, 2002. Vitória de Conquista, p. 95-120.

SOUZA, William Kennedy A. **Trabalho-Educação, Economia e Cultura em Povos e Comunidades Tradicionais: A(Re)Afirmação de Modos de Vida como Forma de Resistência.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do título de Doutor em Educação, 2020.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** Tradução R. Eichemberg. S.P.: Cia das Letras, 1998.

666



Realização:



Apoio:

